

PAULO CORTINHAS

À medida que as mãos tocam a matéria esta vai ganhando forma. No início é visível o desconforto nalguns elementos do grupo, composto por miúdos entre os 11 e os 13 anos, mas rapidamente o receio acaba e a criatividade e imaginação fazem o resto. O barro depressa assume a aparência.

Que o diga a Maria Miguel, inicialmente muito inibida, mas que acabou por demonstrar uma grande habilidade na modelagem do barro, ao ponto de terminar a "aula prática" a fazer flores, tarefa minuciosa que exige alguma destreza.

Para além de Maria Miguel, o João Pedro, a Ana Luísa e o Rafael Gomes, entre outros amigos, todos utentes do Centro Juvenil do ACB de Famação, aproveitaram o último dia de pausa lectiva do Carnaval para uma actividade diferente, relacionada com a olaria e a cerâmica, que resulta de uma parceria entre a Câmara Municipal de Famação e a Escola de Cerâmica da Fundação Castro Alves, de Bairro.

Sobre a mesa da oficina, instalada provisoriamente no Museu da Indústria Têxtil, em Calendário, estão alinhadas várias peças. À frente delas, cada artesão dá o seu melhor para que o monte de barro se transforme num Fardocas, a mascote do museu. Esse era o desafio lançado nesta actividade pelas monitoras da Escola de Cerâmica de Bairro, mas os participantes eram livres para dar azo à imaginação.

De 11 anos de idade, João Pedro procura dar um visual moderno à mascote. Está a desenhar uma crista no barro para colocar no topo da peça. «O mais difícil é trabalhar a forma e também os pequenos pormenores, como os braços», atira, revelando o quanto divertido estava a ser experimentar uma actividade nova. Além dos artefactos, os alunos puderam também experimentar a roda do oleiro.

A Ana Luísa procurou dar um ar mais feminino ao Fardocas.

O à-vontade com que maneja os utensílios revela que não é a primeira vez que lida com o barro. «Quando era mais pequena pedia à minha mãe barro e punha-me a inventar», conta, convencida de que o resultado final de tanto esforço e



## OFICINAS DECORREM EM QUATRO MUSEUS CRIANÇAS APRENDÊM A MOLDAR O BARRO



empenho «vai dar em algo engraçado. Está com um ar apreensivo e pensativo», constata, notando que esse é também o estado de espírito do autor, na antecâmara de um novo período de aulas.

Na mesa de trabalho os erros e os equívocos são facilmente reparáveis, já assim não sucede na roda de oleiro, que exige «prática, vocação e sensibilidade», diz a operadora de serviço.

Alexandrina Abreu explica passo-a-passo a sua tarefa e o mecanismo que opera. «Começa a apertar de cima para baixo, agora pegas neste instrumento com as duas mãos e encosta ao barro para lhe dar um feitio», ordena. João Pedro parece receoso, mas à medida que a peça ganha forma sorri e interroga o que vai sair dali. «Pode ser um copo ou uma jarra», responde Alexandrina, garantindo que cada peça é única.

«Temos uma ideia e sabemos mais ou menos o que pretendemos fazer, mas às vezes surge algo totalmente diferente», confessa, adiantando que para dominar a arte é preciso dedicação. Que o diga a Ana Luísa. Só à terceira tentativa acertou. «Da primeira vez esbarrei com o dedo e estragou-se tudo; depois foi a pulseira a encavar o trabalho... Só à terceira é que resultou» relata a experiência, salientando que «são precisos toques muito sensíveis» para que as coisas corram bem.

Para Isabel Forte, do ACB, esta foi uma forma diferente da "turma" passar o dia, tendo contacto com actividades que não são comuns. «Devia haver mais iniciativas destas, até porque elas desenrolam-se em espaços culturais e é uma forma de os dar a conhecer entre os mais novos», avançou.

Todos os participantes na oficina - que além do Museu da Indústria Têxtil, abrange também o Museu Bernardino Machado, o Museu dos Caminhos de Ferro de Lousado, a Casa Soledade Malvar, no caso dos mais jovens, e as instituições de solidariedade social tendo como público-alvo a terceira idade - passaram pela roda do oleiro e construíram uma peça de barro.

O trabalho está devidamente identificado e depois de seco vai ao forno, em Bairro, a mais de mil graus de temperatura. Segue-se o processo de pintura, também feito pelos jovens.

No final a peça de arte está pronta a ser levada para decorar qualquer espaço nas casas dos pequenos artesãos.

## PROTOCOLO AJUDA A DIVULGAR A CERÂMICA DA FUNDAÇÃO

As oficinas de cerâmica e olaria estão no terreno desde Maio do ano passado, ao abrigo de um protocolo entre a Fundação Castro Alves e a Câmara Municipal de Famalicão. O objectivo é promover a aprendizagem e o gosto pela olaria, através de workshops em diversos núcleos museológicos aderentes.

O Museu Bernardino Machado, o Museu da Indústria Têxtil, a Casa Soledade Malvar e o Museu dos Caminhos-de-Ferro de Lousado são alguns dos espaços onde decorrem as oficinas que permitem ao público-alvo, alunos das escolas do concelho e utentes das instituições sociais, ter a oportunidade de assistir ao trabalho dos artesãos e ficar a perceber como se processa todo o fabrico de uma peça de olaria e cerâmica. Inclui-se experimentar esse processo.

«Saímos do nosso espaço de conforto para ir ao encontro das crianças e dos idosos», refere Olga Pereira, responsável pela Escola de Cerâmica da Fundação Castro Alves, notando que estas jornadas,

realizadas em cooperação com a autarquia, possibilitam dar a conhecer a escola de cerâmica de Bairro e a actividade de olaria, mas também a oferta museológica do concelho.

O contacto com os mais jovens ou com os idosos é profícuo e no final ficam com a ideia do trabalho e do valor que tem cada peça de cerâmica. «É uma forma de valorizar a actividade», denota.

Antes do trabalho propriamente dito é feita uma introdução, onde os monitores dão a conhecer em que consiste a oficina e transmitem algumas noções básicas sobre a olaria. Depois abre-se espaço à criatividade e Olga Pereira confessa que alguns dos trabalhos surpreendem quem orienta as sessões.

«Temos encontrado muitos alunos e idosos com uma grande veia criativa e com muito jeito para este trabalho», relata aquela responsável, que está à frente da Oficina de Bairro desde o seu início, em 1979, a convite do fundador Castro Alves, seu tio. «Têm muito para pôr cá fora e isso nota-se em

alguns trabalhos», acrescenta diante da imaginação fértil dos participantes. Em cada sessão, de 2 a 3 horas, cabem cerca de 15 pessoas, orientadas por 2 ou 3 monitores. Após a explicação teórica, segue-se a prática e o «entusiasmo» apodera-se da sala.

«As crianças manifestam um grande interesse nestas coisas e ficam entusiasmadas, mesmo com o receio inicial de sujar as mãos no barro», conta, sublinhando que este tipo

de iniciativas permite a preservação da arte e, ao mesmo tempo, a busca de novos talentos.

Nas instalações da Fundação, em Bairro, este tipo de acções é prática corrente na ocupação de tempos livres, mas desta forma é possível chegar-se a um público mais vasto.

«Experimentamos sair das nossas instalações e o balanço é extremamente positivo», garante, enaltecendo a parceria com a autarquia. «É uma grande fe-

licidade para nós podermos transmitir um pouco do nosso conhecimento. Assim também nos sentimos realizados», atira, manifestando todo o interesse em dar continuidade às oficinas, até porque, recorda, elas vão ao encontro da vontade de Castro Alves; «isto não é para ser um núcleo fechado, mas algo para abrir-se aos outros».

Apesar das dificuldades conjunturais e da natural quebra de vendas em face

da retracção do consumo, Olga Pereira diz que a Fundação Castro Alves está bem e recomenda-se. «Temos todo o gosto em abrir as nossas portas a quem nos quiser visitar. Na oficina podem apreciar o trabalho ao vivo e também ficar a conhecer o espólio do nosso museu que apresenta o trabalho que ali tem sido feito ao longo de todos estes anos», acrescenta.

Paulo Cortinhas



O êxito da parceria entre a Câmara e a Fundação Castro Alves leva o vice-presidente da Câmara, Paulo Cunha, a falar numa aposta ganha que deve manter-se nos próximos anos. «O formato das oficinas de olaria e cerâmica é comprovadamente um sucesso, por isso faz todo o sentido que mantenhamos esta parceria no futuro», afirmou Paulo Cunha, também vereador da Cultura no município famalicense.

O autarca testemunhou o interesse das crianças e dos jovens na última oficina, que decorreu no passado dia 13, e trocou com eles algumas impressões.

«Hoje fala-se muito de empreendedorismo e esta é uma forma de aprender a ser-se empreendedor», declarou, adiantando que «o trabalho manual, que foi retirado um pouco dos vocábulos usados no contexto educativo, deve regressar, porque esta é uma forma de eles experimentarem outras activida-

des», declarou.

Para Paulo Cunha, o artesanato pode ser um boa solução de negócio empresarial. «Aquilo que hoje se chama de indústria criativa pode ser constituir um futuro profissional e este trabalho com o barro também se coloca claramente nesse contexto», vincou, salientando que as oficinas representam uma oportunidade para as crianças «adquirirem novas competências e, acima de tudo, perceberem que existem outras formas de trabalho e processos diferentes daqueles que estão padronizados».

«Estou certo de que este contacto com a olaria e a cerâmica e que propor-

cionamos ao permitir fazer um conjunto de artefactos, também é uma forma de eles exercitarem e adquirirem novas competências e de descobrir novas vocações», frisou.

O vereador diz que esta iniciativa encerra ainda outros objectivos: dar a conhecer o trabalho realizado pela Fundação Castro Alves e divulgar o património famalicense, na medida em que as oficinas têm como espaço os vários núcleos museológicos famalicenses.

«A oficina da Fundação Castro Alves é conhecida no contexto regional, mas sabemos que muitas crianças e até idosos, que

também são o público desta acção, não sabem da sua existência. Queremos por isso valorizar o nosso património e a Fundação Castro Alves é disso exemplo e este é um momento e também uma forma de divulgação e disseminação desses conteúdos», sustentou Paulo Cunha.

As oficinas vão decorrer durante todo o ano de 2013 e as inscrições são gratuitas, podendo ser feitas por telefone junto do departamento da cultura da Câmara (252320954) ou via email para assuntos culturais@vilanova.famalicão.org.

## PAULO CUNHA SATISFEITO COM O ÊXITO DAS OFICINAS «APOSTA E PARA MANTER» PROMETE O VEREADOR DA CULTURA